



**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO: PSICOLOGIA**

**RELAÇÕES LÍQUIDAS E PÓS-MODERNIDADE:
FORMAÇÃO DE NOVA FAMÍLIA**

LIA FLÁVIA AFONSO DA SILVA

**BRASÍLIA
DEZEMBRO/ 2007**

LIA FLÁVIA AFONSO DA SILVA

**RELAÇÕES LÍQUIDAS E PÓS-MODERNIDADE:
FORMAÇÃO DE NOVA FAMÍLIA**

Monografia apresentada ao
UniCEUB – Centro Universitário de
Brasília como requisito básico para
obtenção do grau de Psicólogo da
Faculdade de Ciências da Saúde.
Professor - Orientador: Dr. Maurício
Neubern.

Brasília, dezembro/ 2007



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO: PSICOLOGIA

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora
composta por:

Prof. Maurício da Silva Neubern, Dr. em Psicologia Clínica

Prof. Fernando Luis González Rey, Dr. em Psicologia

Prof. Francisco Ângelo Cechin, Dr. em Psicologia

A Menção Final obtida foi:

Brasília-DF, Novembro de 2007.

Agradecimento

Chegar até aqui é mais que uma vitória, é a realização do sonho de Deus em minha vida, que desde o 2º semestre de 2002 foi iniciado e depois de muita resistência compreendi o quanto o Senhor desejava não só que eu fosse psicóloga, mas uma verdadeira psicóloga. Hoje este trabalho me proporciona alcançar isto e não poderia deixar de, muito mais que agradecer, dizer a Ele que mais que uma verdadeira psicóloga torno-me a partir daqui uma psicóloga consagrada. Senhor toda a minha vida é para Ti, obrigada!

Agradeço ao meu noivo que teve uma participação muito ativa neste trabalho, por seu amor, carinho e sem dúvida paciência, me ajudou a acreditar em mim e que no fim tudo daria certo. Amo você!

À minha mãe não só agradeço, mas ofereço este trabalho que é fruto de uma longa busca e reflexão em acreditar no ser humano. Receba este como um presente, mãe. Amo você.

Ao meu pai que, mesmo distante, esteve todo este tempo no meu coração e que também me proporcionou neste percurso viver uma bela experiência de amor. Hoje posso dizer de todo o meu coração: obrigada, amo você!

A Ismália, Rômulo, Janaina, Isabela, Isadora, tia Amélia, Dinda... é também por querer a cada dia compreender este ser humano e auxiliá-lo a ser mais ele mesmo que hoje consagro-me. Nunca esqueçam que os amo.

A Comunidade Católica Novo Ardor agradeço por ter suportado este semestre tão difícil e sem tempo, pela ajuda e compreensão e por estarem ao meu lado. Amo vocês.

Aos meus mestres: **Maurício**, você foi uma peça fundamental neste trabalho. Obrigada pela sua atenção, competência, ética, dedicação e, principalmente, por acreditar em mim!

Fernando Rey, com você aprendi o valor da reflexão e do senso crítico; o quanto o estudo verdadeiramente aprofundado é preciso, principalmente, quando permeado pela minha subjetividade. Obrigada.

Sandra Baccara, com seu amor e ética conquistou-me! Hoje, parte do amor que tenho em trabalhar com família, devo a você!

Aos meus amigos: **Lindebergue** obrigada por te me ajudado a abrir-me mais e mostrar-me mais aos outros no CEUB. **Viviane** como foi bom poder estar com você, compartilhar tantas coisas, segredos, dificuldades, te desejo todo o sucesso. **Fabiana** com sua docilidade e garra me ensinou que é preciso lutar pelo que queremos.

*Quem de dentro de si não sai,
Vai morrer sem amar ninguém...*

Vinícius de Moraes

SUMÁRIO

RESUMO	vi
INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1: OS RELACIONAMENTOS ENTRE HOMENS E MULHERES	13
1.1. O amor, o encontro entre um homem e uma mulher.....	13
1.1.1. O conceito de amor e de encontro.....	14
1.2. A perda dos valores que sustentam uma relação duradoura.....	20
1.2.1. No amor abre-se mão da própria liberdade.....	23
1.3. O relacionamento e a era líquida.....	24
CAPÍTULO 2: O SUJEITO E O PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO	27
2.1. Características das relações líquidas.....	30
2.2. A subjetividade do ser humano consumista.....	34
CAPÍTULO 3: A FAMÍLIA PÓS-MODERNA	38
3.1. As características da família pós-moderna.....	38
3.1.1. A conjugalidade.....	42
3.1.2. Diferenças significativas de homens e mulheres desde a modernidade.....	45
3.2. As relações líquidas e a construção da família na pós-modernidade.....	46
3.2.1. Repetições inconscientes.....	47
CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

Resumo

Por meio de reflexão teórica acerca das relações líquidas, o presente trabalho tem por objetivo destacar as influências destas em relação à formação da família na pós-modernidade, de forma a perceber as particularidades desta configuração social atual. Este estudo se dá a partir da reflexão acerca do significado do amor e do encontro, entre homens e mulheres, de forma a perceber como estes se modificaram ao longo da história humana. A transformação dos valores no que diz respeito às relações duradouras que eram características dos relacionamentos modernos, aos mesmos na pós-modernidade em que há a busca por relações de satisfação momentâneas. Nas relações modernas, havia distinções claras acerca do papel feminino e masculino, o que difere das relações atuais que expressam o desejo da mulher de assumir um papel mais ativo, diferente da modernidade. Através do mito de Eros foi possível perceber que, para vivenciar o amor, é preciso entrar em contato consigo mesmo e sair de si ao encontro do outro. Para que isto fosse plausível, foi necessário enxergar o sujeito de maneira única e singular, percebendo-o como sujeito de sua atividade que são capazes de produzir de forma alternativa. Acrescenta-se o entendimento da diferenciação do ego, em que o sujeito busca amadurecer emocionalmente. As relações líquidas são apresentadas como relações descartáveis em uma sociedade de consumo, onde, se o objeto não mais satisfaz o sujeito, com isso, aquele será facilmente desprezado. As características e diferenças mais significativas entre homens e mulheres desde a modernidade e as transformações que ocorreram no casamento e na família, são apresentadas com o intuito de perceber a nova configuração dos relacionamentos na pós-modernidade. Além de questionar o sentido tomado pela família de origem na formação de uma nova família e a maneira como cada cônjuge se relaciona com aquela em questão, e a necessidade de perceber a importância da maturidade do casal para a formação da família. Por meio deste é também possível refletir a respeito do fim da família, pois o trabalho expressa que a família tomou um novo contorno, mas não é o seu fim, e sim, uma nova família para um novo tempo.

Palavras chave: relações líquidas, família, pós-modernidade.

A fragmentação e a virtualização das experiências são aspectos
De um mundo em que a dimensão espaço-tempo é relativa e mutável.
Neste mundo mutante, provisório, parece não haver espaço
Para a continência e elaboração dos desejos.
As relações são afetadas tanto no domínio eu-outro
Quanto na dimensão do corpo.
Sundfeld (2000, p.253)

Inicia-se este trabalho por meio desta citação que exemplifica de forma bastante clara o que fez com que esta temática fosse estudada e os questionamentos que serão aqui discutidos no que tange a questão dos relacionamentos líquidos.

Apresenta-se assim, dois pontos que serão abordados de forma mais aprofundada, que são as relações líquidas e a formação da família. Quanto às relações líquidas, Bauman tem uma contribuição fundamental, ao explorar o tema dos relacionamentos na pós-modernidade.

O “modo consumista” requer que a satisfação precise ser, deva ser, seja de qualquer forma instantânea, enquanto o valor exclusivo, a única “utilidade”, dos objetos é a sua capacidade de proporcionar satisfação. Uma vez interrompida a satisfação (em função do desgaste dos objetos, de sua familiaridade excessiva e cada vez mais monótona ou porque substitutos menos familiares, não-testados, e assim mais estimulantes, estejam disponíveis), não há motivo para entulhar a casa com esses objetos inúteis. (Bauman, 2004a, p. 70)

Ao falar de “modo consumista” expressa-se o modo de ser e agir do sujeito na pós-modernidade, realizando neste trecho uma comparação entre a relação de consumo de objetos com a de relacionamentos entre homens e mulheres.

O outro ponto que será bastante explorado será a questão da formação da família. Nessa questão tem-se a contribuição e a relação entre os conceitos de Bowen (Papero, 1998), Andolfi (1998) e Winnicott (1960).

Teoricamente e até certo grau, a fusão se faz presente em todas as famílias, exceto naquelas cujos membros alcançaram a completa maturidade emocional. Teoricamente, ainda, a pessoa madura é uma unidade emocional completa capaz

de, em condições de estresse, manter os limites de seu eu sem se envolver em fusões emocionais com os demais. Bowen (1978, citado em Papero, 1998, p. 77)

Nesse ponto, Bowen apresenta a dimensão da diferenciação do ego, ao citar a fusão na família. A fusão se dá pela falta de diferenciação ou por pouca diferenciação do sujeito, na citação percebe-se a fusão de sujeitos que experimentaram uma alta diferenciação.

Andolfi (1998) afirma que um número elevado de pessoas passam anos de suas vidas dizendo e partilhando com os amigos, companheiros, terapeutas o que seria conveniente falar a seus pais ou irmãos, com o intuito de que seus sentimentos de amargura e raiva e seus conflitos com estes seus familiares mais próximos sejam eliminados, e é esta uma forma de perceberem estes como pessoas realmente.

Andolfi colabora com a questão da formação da família afirmando a importância da autonomia em relação à família de origem e que é necessário perceber que ao se formar uma família, leva-se para esta toda a história da família de origem. O pensamento de Winnicott sinaliza a este trabalho a atenção significativa em relação à maturidade do casal para a formação da família.

Cicco, Paiva e Gomes (2005), utilizando o referencial winnicottiano, assinalam que o casamento e a família têm a capacidade de constituir um ambiente de maturidade parental, no qual exista amadurecimento contínuo de todos os envolvidos na relação. Esta questão será aprofundada para que seja possível observar, de forma clara, a maneira como esta maturidade pode ser proporcionada pela família a seus membros.

Quanto à formação da família, a contribuição dos autores é singular, porém percebe-se a necessidade de um maior aprofundamento em relação à posição dos filhos nesta nova configuração familiar pós-moderna.

Este trabalho abordará em seu conteúdo a Teoria da Subjetividade em que sinaliza a singularidade de cada sujeito, além de apresentar uma nova visão ao falar do social.

O conceito de configuração subjetiva nos permite uma leitura do social que não é possível de ser realizada a partir da aparência do social, uma leitura a partir das conseqüências que esse social traz para as pessoas e para os próprios espaços sociais e institucionais que coexistem na sua definição. A partir dessa perspectiva, as representações sociais e os diversos discursos hegemônicos no interior da sociedade aparecem como sentidos subjetivos nas configurações dos pacientes atendidos e possuem um forte peso na organização dos problemas subjetivos que surgem na psicoterapia. (González Rey, 2007, pp. 164-165)

Com o apresentado por González Rey, é interessante perceber que em todo este trabalho haverá o diálogo entre o sujeito e seu meio social e será necessário olhar para este sujeito e perceber nele seus dilemas e contradições, mas também sua capacidade e criatividade diante das diversas situações que a pós-modernidade lhe apresenta.

Diante da reflexão dos autores, este trabalho tem como objetivo principal destacar as influências das relações descompromissadas, líquidas para a formação de uma nova família, isto é, localizado na pós-modernidade, diante de uma configuração nova e não estática, perante homens e mulheres que vivenciaram profundas transformações ao longo do tempo.

Por meio desta nova configuração em que a sociedade brasileira se encontra, é interessante e pertinente tal questionamento pelo fato de que é muito forte culturalmente a questão da submissão feminina durante toda a história do país, mas também a forma com que a mulher vem assumindo uma posição mais segura no mercado de trabalho.

Por intermédio destas transformações cada vez mais intensas, este trabalho auxilia a perceber que essas mudanças não necessariamente precisam culminar com o fim da família, mas, aqui será mostrada a importância de se enxergar a família na pós-modernidade sob um outro olhar.

Para que haja tal entendimento foi preciso inicialmente tratar da questão do amor e do encontro: o que é esse amor e esse encontro na relação homem e mulher. Isto ocorrerá para que possa ser construído como que um caminho de compreensão sobre a temática e o levantamento de uma série de conceitos que serão utilizados no decorrer do trabalho.

No primeiro capítulo, utilizar-se-á de forma particular o mito de Eros e os conceitos dos sociólogos Alberoni e Bauman. Por meio destes foi possível compreender o que significam, o sentido do mito e os seus conceitos, dentro do relacionamento e perceber as modificações da era moderna para a pós-moderna.

O mito de Eros, como abordado por Braz (2005), traz um sentido muito rico e importante a este trabalho, no que tange o fato de que por meio do mito é possível fazer várias sinalizações daquilo que é a configuração da sociedade atual. De forma particular, ao demonstrar que entrar em contato consigo mesmo é sair de si para ir ao encontro do outro; esta será a maior contribuição do mito e uma excelente abertura ao diálogo com os autores diversos.

Por meio dos sociólogos, Alberoni (1988) e Bauman (2004) será possível ter contato com uma visão diversa da psicologia no que diz respeito ao olhar mais voltado ao sujeito. Por isso é necessária a contribuição que será por eles dada para que seja possível dialogar com os autores da psicologia posteriormente. O conceito a ser trabalhado mais fortemente por Alberoni neste trabalho será o conceito de fusão entre os amantes, em que estes se tornam um com o outro.

Reportando ao sentido de casamento moderno, Bauman (2004) traz o sentido da perda de valores que a sociedade vem passando, especialmente nas relações amorosas e na família. De forma particular Bauman questiona estas transformações das relações duradouras da era moderna para as relações que ele denomina de líquidas na pós-modernidade. Neste ponto

questionará se o que é dito por Bauman pode ser interpretado como perda ou transformação de valores.

Já no segundo capítulo serão abordadas as questões do sujeito e sua diferenciação. Este terá como objetivo focal entender quem é o sujeito pós-moderno e, de forma particular e significativa, compreender que este sujeito é subjetivo em suas particularidades, isto quer dizer que este tem condições próprias de tomada de decisões e posicionamento diante das situações diversas de sua vida.

Esta visão que será tomada como base para este capítulo é dada por González Rey (2003, 2007) por intermédio de sua Teoria da Subjetividade. Neste capítulo será fundamental perceber este sujeito subjetivo e todo o sentido subjetivo de suas escolhas e opções. Além, é claro, da compreensão da subjetividade social que permeia a construção de sentido feita por tais sujeitos.

Contribuirá também Bowen (Papero, 1998) que trará seu entendimento de diferenciação do Ego. Por meio deste conceito será possível perceber sua relação com a constituição deste sujeito, além da questão da maturidade emocional como ponto de partida para uma relação saudável com um parceiro. Esse segundo capítulo terá como objetivo assimilar a subjetividade do sujeito e a forma com que é construído seu caminho de amadurecimento emocional.

O terceiro capítulo deste trabalho terá como objetivo apresentar as características que a família na pós-modernidade vêm assumindo nessa configuração atual e de que maneira a conjugalidade se expressa e suas diferenças quanto à modernidade. Um ponto muito importante neste último capítulo será a questão das repetições inconscientes trazendo à tona a dimensão da família de origem na vida do novo casal, bem como a diferença entre a família conflituosa e não-conflituosa. Assim também os conceitos de Winnicott (1997), em que abordará a dimensão da maturidade do casal para formação da família. Dessa forma percebe-

se que há uma conexão entre o que apresenta Bowen (Papero, 1998), Andolfi (1998) e Winnicott (1960) e que seus pensamentos culminam com uma grande correlação entre os conceitos que são diversos.

Capítulo 1

OS RELACIONAMENTOS ENTRE HOMENS E MULHERES

A resposta é: Eu te Amo.
A pergunta não tem importância.
(Viscott, 1996, p. 264)

1.1. O amor, o encontro entre um homem e uma mulher

Bento XVI (2006) afirma, “no desenrolar deste encontro, revela-se com clareza que o amor não é apenas um sentimento. Os sentimentos vão e vêm. O sentimento pode ser uma maravilhosa centelha inicial, mas não é a totalidade do amor” (p. 31). Por meio dessa afirmação fica claro que o amor é uma temática explorada em todos os níveis do conhecimento humano e por isso tão presente e envolvente.

Diante disso, este capítulo terá por objetivo apresentar uma série de questões e conceitos que serão aprofundados ao longo deste trabalho, para que assim, possa ser entendido cada passo desta construção e para um possível entendimento do tema relacionamento.

Por intermédio daquela citação, define-se então o que não é o amor humano, ou seja, não é um simples sentimento como a alegria ou a tristeza que são sentidos e percebidos de formas emocionais e sensoriais, mas ao contrário o amor vai além disto, salienta Shaver, Hazan e Bradshaw (1988, citado em Silva, Mayor, Almeida, Rodrigues, Oliveira, Martinez, 2005) “o amor é um sistema complexo e dinâmico que envolve cognições, emoções e comportamentos” (p. 296).

Diante disso, entende-se por meio de González Rey (2003) que as emoções são anteriores às ações. O que quer dizer que as antecede, no sentido de que a emoção é que proporciona que o amor se expresse de forma clara e visível ao outro, é por meio dela que se torna palpável e passível de ser vivida a experiência do amor.

Fromm, (citado em Bauman, 2004a), diz que para existir uma relação de amor é preciso que haja algumas qualidades nos amantes como: fé, coragem, humildade, disciplina. Bauman (2004a), apresenta o amor como um ato criativo em que se busca transformar coisas, situações, momentos e não o encontro com algo, alguém pronto, perfeito. Para que esta criatividade seja exercitada é necessário que haja então o desejo de ir até o encontro do outro, sem receio de encontrar suas limitações, fraquezas, defeitos, mas relacionar-se com o outro por inteiro.

Faz-se preciso aprofundar no que é dito por Bauman no sentido de questionar se o ser humano tem disposição, atualmente, para lançar-se na experiência subjetiva ao qual o amor pode proporcionar-lhe. Torna-se cada vez mais perceptível o temor e a angústia de vivenciar com o outro uma relação baseada em confiança ou até mesmo o lançar-se em um relacionamento para que lá se experimente tal confiança.

Diante disto se faz necessário dialogar o que por Bauman foi dito com o que afirma González Rey (2007) “a criatividade sempre representa uma possibilidade de produção de sentidos subjetivos diferentes que permitem ao sujeito desenvolver o sistema complexo de ação criativa” (p. 135)

Com isso é preciso atentar-se a qual realidade de amor o homem atual está disposto ou disponível a vivenciar. Afinal o conceito de amor vem, ao longo do tempo, sendo desgastado diante de tantas modificações sociais que foram se instalando. Até mesmo em relação à própria linguagem em que vão surgindo distorções e percepções muito individualizadas.

1.1.1. O conceito de amor e de encontro

Segundo Delbin (2005), os gregos utilizavam uma série de palavras diferentes para descrever o fenômeno do amor. Aqui serão tomadas três: agape, philos e eros. O amor agape seria o amor incondicional, de doação e entrega total, que não exige nada em troca. Um amor

transcendente, puro, é o amor da escolha deliberada. Já o amor philos seria um amor fraterno, entre irmãos, um amor de amizade, de reciprocidade. Um amor condicional que espera a retribuição do outro. O amor eros conceituaria-se como o amor carnal, ligado à sexualidade, ou seja, é baseado na atração sexual e no desejo ardente. O Eros seria um amor que subjuga a razão ao desejo.

Por meio desta elucidação é preciso ter em mente a distinção entre esses conceitos, assim como a ênfase que será dada ao amor Eros neste trabalho. Através do entendimento e reflexões em torno do conhecimento do amor ao longo da história humana é possível perceber que estes ainda ocupam um lugar de destaque e atenção diante da realidade vivenciada atualmente.

Para que haja uma compreensão mais profunda desta questão utiliza-se uma versão do mito de Eros. Importante entender que neste trabalho o mito apresentado terá como função auxiliar o entendimento desta temática na contemporaneidade.

Em outra variante pouco encontrada, de autoria incerta, Eros é representado como um garotinho louro, alado e travesso. Conta-se que Afrodite, preocupada com seu filho que não crescia, queixou-se e pediu orientação a Têmis, deus profético da lei que, com sua sabedoria, esclareceu que o menino não crescia por ser uma criança muito solitária, por não partilhar nada e por não conhecer o sentimento de troca, nem de fraternidade. Têmis afirmou também que ele haveria de crescer se compartilhasse seu desenvolvimento e vida com alguém. Por fim, o deus da lei orienta Afrodite a ter mais um filho. Seguindo sua orientação, ela dá à luz Anteros, deus do amor mútuo e compartilhado. A partir desse nascimento, Eros passa a conviver com seu irmão, dividindo a atenção da mãe. Ao experimentar o sentimento de cuidado e amizade para com o outro, ele começou a se desenvolver e se tornar o deus mais belo e formoso do Olimpo. (Braz, 2005, p. 66)

Nesta simbologia é possível perceber que Eros somente pode atingir a maturidade ao entrar em contato com seu irmão, que lhe deu a oportunidade de vivenciar um amor de troca e reciprocidade. Isto é, ao passo que Eros se relacionava com seu irmão Antero (anti - Eros) era por ele alcançada a possibilidade de crescimento e abertura ao outro. Sendo assim, tal crescimento é plausível desde que exista a abertura ao amor gratuito, incondicional.

Com isso, Eros percebe que é capaz de experimentar uma relação amorosa, fraternal, incondicional e com isso torna-se adulto, único e diferenciado. Isso mostra a importância que teve para o desenvolvimento de Eros a presença de seu irmão Antero.

Braz (2005), pontua que esta história não teve prosseguimento. Foi como se Antero desaparecesse. Nem mesmo nessa história sua existência teve continuidade, mas também, em nenhuma outra houve novamente sua presença. Para Braz, isto se deu pela pouca ênfase dada pela sociedade ocidental a este amor fraterno, gratuito.

Com o auxílio deste mito é possível perceber de forma mais aprofundada o sentido de amor que se busca compreender neste trabalho. Isto porque é interessante o que aponta Braz, diante do sumiço repentino de Antero dos mitos e da própria realidade ocidental. Não pode-se dizer que ele tenha desaparecido por completo, mas possivelmente a ausência de Antero não tem permitido que a vivência do amor Eros amadureça ainda hoje.

Talvez isso tenha impedido, na relação homem e mulher, um aprofundamento da vivência do amor no sentido do desejo insaciável pelo outro, a perda da razão, a paixão incontrolável. Este Eros em muitos momentos tem sido substituído por um temor do outro e não uma troca, uma entrega.

Por meio do mito, entende-se que Eros somente amadurece, ou seja, atinge sua plenitude, ao se deparar com o diferente – Antero, além de que neste momento também foi preciso que Eros entrasse em contato consigo e percebesse o outro. Isso pode mostrar aos homens e mulheres a necessidade de enxergar, da mesma forma, este outro que é único e

pleno. Ao mesmo tempo mostrar que é preciso entrar em contato consigo mesmo, no sentido de perceber que é desta forma que se abre e se entrega em uma relação de paixão e intensidade ao outro.

Em uma outra perspectiva Costa (2005), aborda dois tipos de amor, o verdadeiro e o interesseiro. Este seria o amor ligado aos interesses de cada um dos que estão envolvidos na relação, ou seja, egoísta. O amor verdadeiro seria motivado por sentimentos nobres, ideais sublimes.

Em outra vertente, Bauman (2004b) faz uma importante distinção entre amor e desejo, acentuando que aquele expressa a disposição de cuidar, preservar e também assumir a responsabilidade pelo ser amado, colocar-se a disposição, a serviço. Já o desejo expressa o anseio por consumir, devorar, aniquilar.

Desejo e amor encontram-se em pontos opostos. O amor é uma rede lançada sobre a eternidade, o desejo é um estratagema para livrar-se da faina de tecer redes. Fiéis a sua natureza, o amor se empenharia em perpetuar o desejo, enquanto este se esquivaria aos grilhões do amor (Bauman, 2004b, p. 25).

A respeito do que diz Bauman, é necessário apreender se o real objeto ao qual o ser humano foge, é o amor ou aquilo que ele lhe pode proporcionar ou ainda aquilo que ele pode exigir-lhe. A fuga que se vive em relação ao amor não é fruto da ausência de seu valor, sentido, significado? Qual o verdadeiro sentido tem o amor na atualidade? Bento XVI (2006) assim responde, “o termo amor tornou-se, hoje, uma das palavras mais usadas e mesmo abusadas, à qual associamos significados completamente diferentes” (p. 7); Bauman (2004b) percebe que, “em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões de amor, esses padrões foram baixados. O conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito” (p. 19).

Além destes conceitos ou abordagens sobre o amor, não poderia estar ausente a compreensão do amor romântico do século XVIII, pelo fato de que durante o desenvolver deste trabalho será preciso caminhar por tais significados para que a configuração atual possa ser ainda mais perceptível.

Desde suas primeiras origens, o amor romântico suscita a questão da intimidade. Ela é incompatível com a luxúria, não tanto porque o ser amado não é idealizado – embora esta seja parte da história -, mas porque presume uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um caráter reparador. Guiddens (1993, p. 56)

Essa concepção de amor romântico dada por Guiddens é curiosa pelo fato de que, para esse ocorrer, é preciso que haja o outro. A todo o momento toma-se a amor romântico em um sentido de idealização do outro, da busca pelo outro, acaba por fim se enquadrando em uma dimensão no plano da fantasia; e somente há sentido se houver este outro que complementa, que dê vida. Não há no amor romântico o predomínio do amor sexual.

Esta explanação acerca do amor romântico difere em muitos pontos daquilo que é vivenciado atualmente, logo parte-se então do pressuposto de que hoje o ser humano tenha dificuldades de compreender de maneira clara o amor e nele vivenciar as experiências propostas. Mas, é preciso ter em mente o que permitiu que essa realidade acontecesse, se enraizasse de maneira tão profunda. Retoma-se então a questão da perda dos valores, em que se doar, entregar-se ao outro por inteiro tornou-se uma ameaça e não uma dádiva.

Grant (1982) fala sobre o desejo, impulso sexual e a emoção amorosa, colocando que o desejo seria como um apetite, fome ou o desejo por comer. Quando se alcança, este se extingue e que este desejo não é por alguém em específico, mas qualquer um que possa saciar tal desejo. Diferente da emoção amorosa em que uma pessoa liga-se a outra específica e que

esta nasce de um encontro. Seria exatamente olhar a individualidade do outro e sentir-se de alguma forma por ele atraído.

Acrescenta Grant (1982) que as relações maduras entre homens e mulheres seria exatamente a junção entre o impulso sexual e a emoção amorosa, mesmo que ainda haja várias divergências entre ambos. Percebe-se que seria interessante a possibilidade da junção das etapas destes, isto quer dizer, que por meio do encontro entre homem e mulher haja a atração por suas características e após este surja então o relacionamento e neste o envolvimento sexual.

Afinal, se ocorresse neste sentido, a atração, o relacionamento entre o casal e neste a atração sexual, poderia evitar-se que toda a atração se findasse em apenas poucos minutos com o alcance da excitação máxima. Grant (1982) diz que “existe uma tensão, um espasmo e um alívio, o desejo extingue-se no ato sexual” (p. 25), não seria possível que apenas este desejo passasse, fosse saciado e não o desejo por completo? Seria possível que havendo a ligação do desejo com o amor as relações superficiais fossem mais duradouras?

Logo, para a discussão do amor na relação entre homem e mulher, Alberoni (1988), acentua que o encontro entre amantes leva à fusão destes dois que são diferentes e que precisam ser, para que haja o desejo de superá-la, já que é inevitável sua existência. Bauman (2004a), complementa afirmando que o amor é o encontro, a partilha das histórias diversas de seus amantes que de maneira criativa encontram-se e se enamoram.

Em relação ao encontro entre homem e mulher, Alberoni (1988), diz que este é um estado iniciante de um movimento coletivo que somente pode ser vivenciado a dois, por isso, é grandemente particular e específica a sua característica, aquele é inconfundível. Logo, no relacionamento entre um homem e uma mulher o amor tem lugar privilegiado, porém ao mesmo tempo proporciona experiências diversas e únicas.

Almeida (2005) e outros autores acentuam o sentido do encontro entre homem e mulher possibilitando uma visão mais focada naquilo que será aqui desenvolvido. Muito longe de ser meramente um impulso gregário, amar é ir ao encontro de alguém e permitir a vinda deste ao encontro de quem o busca (Almeida, 2003). Desta maneira, amar alguém, em primeira análise, significa reconhecer uma pessoa como fonte real ou potencial para a própria felicidade (Ingenieros, 1910/1968; Simmel, 1993, citado em Almeida & Mayor, 2006). Como desdobramento disso, decorre o desejo de ir ao encontro do outro e, concomitantemente, de ser amado. E uma vez eclodido esse desejo, há uma série de sentimentos, pensamentos e comportamentos que pertencem a um ciclo de reforçamento recíproco (Alferes, 1996; Aron & Aron, 1996; Costa, 1998; Amélio, 2001, citado em Almeida & Mayor, 2006). “Desta forma, o amor desenvolve-se e se torna cada vez mais forte. A este desenvolvimento do amor dá-se o nome de enamoramento” (Almeida & Mayor, 2006, p. 101)

Desta maneira, entende-se que amor e enamoramento estão profundamente relacionados e que estes precisam ser observados de maneira peculiar para que haja o interesse pelo estudo e aprofundamento dos mesmos e entenda-se como ocorrem hoje na era líquida.

1.2. A perda dos valores que sustentam uma relação duradoura.

Neste ponto é preciso que haja uma reflexão no sentido de perceber e tocar algumas das possíveis angústias as quais vivencia o ser humano. O termo utilizado por Alberoni (1988) - fusão aqui transparece um significado de deixar de existir duas pessoas para que haja apenas uma. Isto quer dizer que para haver um encontro entre homem e mulher é preciso que deixem de lado sua individualidade para se tornarem apenas um.

Féres-Carneiro e Neto (2005), apontam algumas características preponderantes ao casamento moderno, é preciso atenção a este para perceber de forma mais clara e concreta

toda as modificações e transformações que este mesmo tem vivenciado até agora, na pós-modernidade.

Na modernidade, a união conjugal tinha um valor precípuo e sua manutenção deveria ser mantida a qualquer preço, conforme a expressão "até que a morte nos separe". As mulheres deveriam se manter fiéis e dedicadas à criação dos filhos, obedecendo aos maridos, em uma repetição de uma relação de submissão social e econômica. A vida pública era reduto exclusivo dos homens. Os papéis eram claramente marcados e diferenciados. A desigualdade era aceita e reforçada socialmente, sem qualquer preocupação com os aspectos afetivos e sexuais da mulher. (Féres-Carneiro & Neto, 2005, p. 134)

Diante disto, percebe-se que os casais modernos viviam até mesmo de forma natural a idealização “sereis uma só carne”, pelo fato de que havia uma complementaridade natural na maneira que configuravam suas vidas, ou seja, o esposo trabalhava o dia todo fora de casa e tinha relações de amizades e compromissos externos à casa. A esposa, por sua vez, cuidava da casa e dos filhos e era este seu ambiente, precisava ser fiel e obediente ao esposo. Isto proporcionava ao casal justamente esta tal fusão que os casais pós-modernos tanto fogem.

Esta questão ecoa de forma a incomodar e até mesmo intrigar o casal que deseja se constituir. Será que esta questão não tem hoje tomado lugar e atenção de homens e mulheres e têm causado-lhes o temor de abrirem-se a um relacionamento baseado no compromisso? Será que ao falar, de forma particular, no momento em que a sociedade se encontra, em deixar de ser você mesmo não assusta?

Mesmo que haja a justificativa de que a postura de não tomar um relacionamento baseado no compromisso pelo medo de deixar de ser você mesmo, não demonstra muita coerência. É necessário perceber toda a particularidade que vivencia o ser humano atualmente.

Baseado nesta indagação em relação à fusão dos amantes percebe-se a necessidade de pontuar alguns aspectos no que diz respeito aos valores, sem dúvida estes se modificaram juntamente com toda a sociedade e sua forma de pensamento. Na modernidade pode-se entender como um valor para o casamento a questão da durabilidade, da fidelidade da mulher, do sustento proporcionado pelo marido, o trabalho fora do lar realizado apenas por este.

Destes aspectos praticamente todos vivem em constante processo de modificação configurando valores pós-modernos. Por isso, é preciso que questione-se se houve na verdade a perda dos valores ou se na verdade estes estão se modificando. Hoje se percebe mais que os casais trabalham o dia todo, por volta de oito horas diárias e precisam ainda chegar em casa cuidar da própria casa, dos filhos, do parceiro.

De um lado, os casais sofrem pressão para manterem valores e padrões morais tradicionais, como a efetivação do contrato matrimonial e o exercício da parentalidade. O meio familiar é valorizado como o lócus de realização de todas as expectativas emocionais e pessoais. Homens e mulheres são estimulados a adotarem modelos tradicionais de sexualidade e uma divisão rígida de papéis e funções na família de acordo com o sexo. Por outro lado, são forçados a adequarem-se às transformações sociais, tais como as exigências do mercado de trabalho, a valorização do crescimento individual, da independência financeira e da flexibilidade no exercício dos papéis de gênero. (Perlin & Diniz, 2005, pp. 16-17)

Necessário perceber tais pressões vivenciadas pelos casais pós-modernos para que possa se discutir se há verdadeiramente a perda ou a modificação, transformação dos valores. O que precisa talvez ser enfatizado é que é válida a intenção de um casal que trabalha durante todo o dia para proporcionar à sua família mais conforto e possibilidades ou até mesmo porque precisa trabalhar o dia todo para sobreviverem em seus lares.

Mas como está a questão dos filhos, como é para as crianças que passam o dia sem ver os pais e que somente os encontra no final do dia em que já estão cansados e esgotados pela jornada? Qual seria o valor para esta criança que vivencia tal realidade?

Finalmente, não seria este também um dos motivos dos relacionamentos líquidos, na ausência de compromisso busca-se os interesses próprios e não há vínculo ou responsabilidade com o outro. Até mesmo os casais que procuram ter filhos com mais idade.

1.2.1. No amor abre-se mão da própria liberdade

Segundo Alberoni (1988), o enamoramento é caracteristicamente humano, ou seja, proporciona momentos de felicidade profundos, mas não pode oferecer certezas, segurança aos amantes. Pela resposta do ser amado ao seu amor, o sujeito vivencia toda uma dimensão de felicidade e êxtase, por meio da entrega e abandono do amado a si. No entanto, se há a separação do amado, aquele perde seu motivo de felicidade e nada será comparável ao que perdeu, esta realidade se modificará com o surgimento de um outro amor.

Entretanto, o que foi dito por Alberoni (1988) no trecho acima se conecta em um relacionamento de abertura ao outro, de entrega ao amado. Bauman (2004a), afirma que amar é abdicar da própria liberdade em prol, a favor da liberdade do amado, é possível perceber esta realidade, este acontecimento em outrora, e que este sentido de amor vem ao longo da história perdendo seu espaço. Será que esta forma de amar ficou antiquada? O homem atual não crê mais em um relacionamento duradouro?

Abdicar da própria liberdade em prol do outro, eis um outro ponto que precisa de uma atenção particular. Liberdade se encontra aqui com o sentido justamente de observar e atender aos desejos e planos próprios, para que haja um encontro é preciso que estes sejam deixados em segundo plano em prol da realização do outro?

A questão da liberdade dita neste momento choca-se com o sentido de fusão e da perda da individualidade apontado por Alberoni (1988)? Ao contrário, perder a

individualidade e abdicar da própria liberdade estariam em planos opostos, no sentido de que ao abdicar, ceder em um desejo pelo desejo do amante seria muito mais uma atitude de amor do que de aniquilamento como a perda da individualidade.

Por este motivo, é preciso que exista um escutar-se a si mesmo para que homens e mulheres pudessem agir de acordo, ao encontro daquilo que os permita encontrarem-se com um sentido mais desvelado de amor.

Muitos destes questionamentos precisam aqui ser levantados, sem a pretensão de que sejam entendidos ou compreendidos como um todo, mas sim questionados. Logo, percebe-se que uma relação estável, a longo prazo propiciava um conjunto de segurança, estabilidade econômica e emocional para o amante e sua família, uma posição social, mas que atualmente há uma profunda instabilidade diante da escolha por uma relação duradoura e supostamente segura ou por uma relação aberta em que as responsabilidades e compromissos não são mais tão rígidos.

1.3. O relacionamento e a era líquida

Em nossa época líquido-moderna, o mundo
Em nossa volta está repartido
Em fragmentos mal coordenados,
Enquanto as nossas existências individuais
São fatiadas numa sucessão de
Episódios fragilmente conectados.
Bauman, 2004a (pp. 18-19)

Faz-se necessário que neste momento haja o entendimento da realidade que se vive, o tempo em que a sociedade se encontra. Isto porque é preciso que compreenda-se que as mudanças de valor que foram acontecendo ao longo do tempo, hoje encontram-se enquadradas em uma realidade. Esta realidade é a pós-modernidade.

Não basta aqui dizer que houve mudanças de valor ao longo do tempo em relação aos relacionamentos entre homem e mulher, mas é preciso compreendê-los dentro do tempo atual. Por isso, faz-se neste instante uma relação entre os relacionamentos e a era líquida.

Sendo assim, os relacionamentos descompromissados são fruto desta era líquida, fluída, como é também denominada a pós-modernidade, em que a fuga incessante de ligações mais próximas e sólidas são suas características centrais, quando se fala em relacionamento entre homens e mulheres, de forma particular. Sólidas no sentido exato da palavra, antônimo de fluído.

Bauman expressa de maneira clara uma série de características dos relacionamentos entre homens e mulheres na pós-modernidade. Relacionamentos que expressam esta realidade de fluidez e fuga de compromisso, estas de maneira mais acentuada.

Para nós, os habitantes deste líquido mundo moderno que detesta tudo o que é sólido e durável, tudo o que não se ajusta ao uso instantâneo nem permite que se ponha fim ao esforço, tal perspectiva pode ser mais do que aquilo que estamos dispostos a agir numa barganha. (Bauman, 2004a)

Porém, este tempo não pode ser visto de maneira única e determinista, mas como um tempo em vigência, em crescimento, em destaque. De forma particular devido a todas as transformações que o próprio sujeito vivencia. Por isso, é necessário que se perceba na era líquida que a fuga não tem um sentido estrito em si mesmo, mas é todo o conjunto de transformações que aquele sujeito vive e também que vivencia toda a sociedade.

Sendo assim, torna-se evidente que o crescente número de relações instáveis, sem compromisso a longo prazo, sem vínculos, além do confuso lugar do feminino e do masculino ou até mesmo o espaço que a mulher vem conquistando e o lugar do homem que vem sendo substituído. Todos estes pontos e outros vários, vão enriquecendo o entendimento de como ocorrem na pós-modernidade a relação homem e mulher.

Diante desta realidade, esta não pode ser encarada como um conjunto de determinantes para a configuração deste novo tempo, mas que haja um a compreensão do sentido da relação de subjetividade social e individual. Até mesmo porque a pós-modernidade não configura um tempo estático com características fechadas, mas um tempo de transição.

Por este motivo é importante enxergar o sujeito que em muitos momentos se encontra perdido diante da forma com que irá constituir seus relacionamentos. Diante destas contradições Costa (2005), afirma:

Se no mercado, os indivíduos são avaliados segundo critérios generalizáveis e se tornam, por isso, intercambiáveis, nas relações amorosas o critério de seleção é subjetivo e inacessível à cognição, o que torna a pessoa amada única e insubstituível aos olhos do amante. (p. 112)

Com isso, percebe-se que o sujeito se encontra na pós-modernidade em constante conflito, ao mesmo tempo que precisa ter características como desempenho, disciplina, capacidade de seguir regras, previsibilidade nos comportamentos; nas relações amorosas não, mas ao contrário, impõe-se a espontaneidade, imprevisibilidade, a transgressão de regras. Desta forma, encontra-se o sujeito em profundos dilemas pelo fato de que não é a ele alcançável exercer os dois papéis de formas tão distintas.

Capítulo 2

O SUJEITO E O PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO

O ser sujeito vai implicar um posicionamento crítico,
A tomada de decisões no curso de uma atividade,
A defesa de um ponto de vista e assumir
O seu lugar no curso dessa atividade.
O sujeito de maneira permanente produz novos
Espaços de subjetivação no decorrer
De uma atividade, daí sua significação como
Momento constituinte da subjetividade social.
González Rey, 2007 (p. 146)

Por meio de González Rey (2007) é possível apreender que o sujeito, que neste trabalho será estudado, não é constituído a priori, mas, ao contrário, é um sujeito capaz de vivenciar sua subjetividade e produzir sentido por meio também de uma subjetividade social, ou seja, de forma particular, na produção de sentidos, é próprio do sujeito que realiza trocas com o social produzir sentido daquilo que é por ele experienciado.

Além de não constituído a priori, é importante perceber o sujeito como um ser singular, não-estático e não-universal. Faz-se preciso ter um olhar sob este sujeito percebendo nele toda sua dimensão simbólica e capacidade de construção de sentidos subjetivos. González Rey (2007) aponta uma maneira do sujeito ser sujeito de sua atividade, ou seja, sujeito que é capaz de criar subsídios diante do conflito existente entre sua produção e o socialmente aceito. Assim afirma “o se tornar sujeito significa expressar na ação configurações subjetivas singulares, tomar decisões, assumir a responsabilidade individual pela ação” (p. 144).

Ao afirmar isto, González Rey chama atenção à fixação em seguir aquilo que é socialmente aceito ou definido pelo outro. Isto quer dizer, que o sujeito que é sujeito de sua atividade não vai em busca de deixar-se conduzir pelo desejo e regras alheias, mas, ao contrário, busca ele mesmo fazer suas construções dentro de sua realidade social.

Neste ponto é difícil perceber nesta sociedade de que forma isto se dá, pelo fato de que em muitos momentos as pessoas são conduzidas por aquilo que está em voga, em destaque, nem sempre tendo consciência de que seus desejos podem ser diversos de tais imposições sociais. Neste sentido, Fromm (citado em Costa, 2005) afirma:

Os seres humanos são motivados pelo sugestionamento massificado; seu objetivo é produzir e consumir cada vez mais como um objetivo em si mesmo. Todas as atividades são subordinadas a esses objetivos econômicos, os meios se tornaram fins; o homem é um autômato bem-vestido e bem-alimentado [...]. Se o ser humano quer ser capaz de amar, precisa se colocar em primeiro lugar. O aparato econômico deve servi-lo, e não o contrário. (p. 115)

Por esta crítica, é possível realizar uma reflexão diante da postura subordinada que o sujeito vem tomando diante de situações diversas. Será mesmo que atualmente as pessoas vêm saindo de uma postura de sujeitar-se ao querer alheio ou a uma postura de assumir aquilo que deseja?

Segundo Bowen (citado em Papero, 1998), a diferenciação do ego se dá por meio da diferenciação em termos de funcionamento pelo sujeito.

Há pessoas que poderiam ser classificadas como pouco diferenciadas e, não obstante, conseguem manter sua vida dentro de um equilíbrio emocional, sem desenvolver nenhuma doença dessa índole e outras, altamente diferenciadas, que em condições de estresse podem apresentar sintomas graves nesse mesmo parâmetro. No entanto, as pessoas pouco diferenciadas são mais suscetíveis ao estresse e muito mais propensas a enfermidades, inclusive físicas e sociais, e suas disfunções, quando ocorrem, têm mais probabilidade de tornarem-se crônicas. As pessoas altamente diferenciadas podem recuperar rapidamente seu equilíbrio emocional ao término da situação de estresse. (pp. 76-77)

Pode-se compreender então, que a diferenciação do ego, segundo Bowen, é o grau em que as pessoas se tornam capazes de amadurecer emocionalmente. Isto se dá desde a relação da criança com seus pais em sua família de origem e permeiam os relacionamentos que serão construídos pelo sujeitos em toda a sua vida, distinguindo as maneiras como estes vão experienciando suas relações.

Papero (1998) afirma que “quanto mais alto o grau de diferenciação apresentado por uma pessoa e por uma família, menos ligações indiferenciadas ou não-resolvidas terão de ser gerenciadas pelos indivíduos em seus relacionamentos”. (p. 78) Entende-se por ligações emocionais não-resolvidas toda a dificuldade de vivenciar o processo de diferenciação do sujeito, no sentido de seu relacionamento com seus pais em sua família de origem.

Por meio disso, Bowen aponta que a base da fusão nos relacionamentos são as ligações emocionais não-resolvidas. Diante disso, apresenta que todas as pessoas têm necessidade do outro para que possa atuar como sujeito, porém esta necessidade varia: de uma simbiose real (o sujeito não vive sem o outro) a uma dependência psicológica de nível mais brando (o sujeito funciona melhor quando ligado ao outro); de um bom grau de solução da ligação não-resolvida a um grau muito baixo de fusão.

Neste momento é interessante reportar à fala de Alberoni (1988) quando afirma que o amor leva à fusão dos amantes. Afinal, Bowen aponta para uma atenção a este termo para que o relacionamento não seja pautado na ausência de solução emocional, pois para ele a fusão é representada com uma base nesta falta de resolução emocional.

Para melhor entendimento acerca do pensamento de Bowen, não é que vá contra o conceito de fusão de Alberoni, mas para Bowen somente é possível vivenciar a fusão no relacionamento se anteriormente a este o casal vivencie um amadurecimento que teria como resultado a diferenciação. Experimentando a diferenciação é possível ao casal maduro viver a fusão.

Como discutido anteriormente, é importante compreender a diferença entre o que pode ser entendido de Bowen sobre a fusão de um casal maduro e a fusão de que fala Alberoni, no sentido de que a partir do momento em que o sujeito não é capaz de viver experiências que proporcionem a maturidade afetiva, este buscará cada vez mais solucionar tal dificuldade buscando o outro.

Neste ponto encontra-se então uma divergência nos relacionamentos líquidos, ao mesmo tempo em que se procura viver a individualidade, há a falta da diferenciação que é a tendência do sujeito em buscar o outro, com o sentido de fusão. Demonstra ser como uma necessidade de vivenciar tal diferenciação e por falta dela fusiona-se ao outro.

Por isso é preciso compreender para este trabalho a importância de que o sujeito individual é capaz de fazer suas escolhas seja apto a agir segundo sua subjetividade, neste momento permeada de forma significativa pela subjetividade familiar.

2.1. As características das relações líquidas

Para que haja um entendimento daquilo que é objetivo deste trabalho é preciso que se compreenda as relações descompromissadas, por Bauman denominadas relações líquidas. Estas relações expressam de forma particular o relacionamento entre homens e mulheres na pós-modernidade.

Primeiramente entende-se a descrença em um relacionamento estável e duradouro, e que ao contrário super valoriza as satisfações que o outro pode oferecer-lhe. Não mais está em destaque a entrega de si ao amante, mas o que o amante pode proporcionar, e durante o tempo que este lhe pode proporcionar. Não é mais levado em conta a criatividade, a fé, a humildade, mas a satisfação, afirma Bauman (2004b), “sem humildade e coragem não há amor” (p. 22).

Faz-se necessário salientar que esta não é uma regra para os relacionamentos entre homens e mulheres atualmente, mas que a cada dia emergem como uma realidade vigente.

Alguns podem sentir-se incomodados com isso, pelo fato de que pode ser que a segurança proposta por uma relação estável seja ainda mais significativa que a mera satisfação dos desejos pessoais. Mas será mesmo?

Então, qual a realidade dos relacionamentos atualmente, diante deste recorte realizado, o que é trazido ao sujeito pela experiência nestas relações? Neste ponto é preciso enfatizar e até mesmo aprofundar a realidade subjetiva e individual, no sentido de que cada pessoa irá responder de uma forma particular diante de sua experiência que é única.

Para elucidar os significados de tais relações descompromissadas retoma-se Bauman (2004a), que as denomina de relações fluídas, no sentido de estarem passando de um momento na modernidade em que os relacionamentos eram baseados no compromisso e, a longo prazo, para uma era líquida, em que os relacionamentos perderam esta característica e se configuram neste momento como relações instáveis e de satisfação temporária das necessidades.

Bauman (2004a) acentua de forma particular a maneira como se dão e de que forma se configuram os relacionamentos líquidos, fluídos. Destaca duas formas de relacionamentos, os virtuais e os por meio de telefones celulares; aponta para a busca do distanciamento, no sentido de que é preferível relacionar-se por estes meios para se evitar uma troca mais profunda com o outro.

Neste instante, percebe-se de maneira clara a configuração dos relacionamentos atualmente. O desejo e a busca pelo contato são reais, há estes, porém, é como se o contato propiciasse o temor pela troca, pelo dar-se ao outro. O contato pela Internet, ou quaisquer outros meios virtuais, faz com que homens e mulheres se relacionem, mas não os proporciona a intensidade de um encontro.

Possível é que o temor por este encontro permita a procura por estes meios de relacionamentos. Por este motivo, as relações cada vez mais se tornam distanciadas, mesmo

que o contato possa ser intenso, como por exemplo, em relações sexuais em que homens e mulheres se conhecem em uma noite somente. Mesmo estas relações se caracterizam como relações descompromissadas, afinal são experiências de um só momento. Bauman (2004b) diz, “noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome *fazer amor*” (p. 19).

Diante desta questão, faz-se um paralelo com o amor Eros, é como se estas relações não permitissem aos amantes o encontro primeiro consigo mesmo. Pela ausência deste encontro consigo há o temor pela troca e abertura a um amor de entrega e intensidade, ou seja, há o temor pela abertura ao outro, o que representa, assim como para Eros, a imaturidade.

Ainda há a questão da intimidade, que nestas relações se tornam cada vez mais destoantes. Nos relacionamentos virtuais não há uma troca mais do que por um conjunto de letras que dão um significado a quem está do outro lado. Muitas vezes não há até mesmo o contato auditivo, neste ponto torna-se claro a ausência da intimidade que expressa de forma mais profunda por meio da troca no relacionamento estável.

Isto se dá pelo fato de que o encontro está diretamente relacionado a troca, a intimidade. Não é possível relacionar o encontro com um contato apenas, mesmo intenso que não constitui uma troca real entre os amantes. Mas que o que permanece em destaque nas relações líquidas é a satisfação rápida dos desejos momentâneos. Aquela troca, vivenciada no encontro, expressa uma relação de confiança e doação, entrega ao outro, o que difere intensamente da busca única por satisfações momentâneas.

Diante do entendimento acerca das relações descompromissadas são necessárias algumas reflexões quanto à postura do sujeito diante delas em comparação com as relações ditas estáveis. O que leva um homem ou uma mulher a buscarem vivenciar tal relação descompromissada em detrimento a uma relação estável, duradoura? O que faria alguém ir em busca de uma relação que satisfaz momentaneamente seus interesses ao invés de uma que a faz experimentar uma troca de confiança, intimidade e segurança?

Possivelmente responde-se a esta questão com o entendimento da realidade social que passa a sociedade atualmente. No sentido de que as mudanças e modificações nos papéis masculinos e femininos e a procura por realizações profissionais ou estabilidade financeira, faz com que se tornem centrados em si mesmos. Com isso, será possível alcançar a idéia de uma relação em que é preciso dar-se ao outro? Ou as relações descompromissadas vão justamente responder ao impulso de centralidade individual?

Isto se expressa pelo fato de que em muitos momentos o homem é envolvido por uma gama de situações que podem causar-lhe tais conflitos. De maneira particular no sentido de que está imerso em uma sociedade que vivencia esta realidade, como não se comportar ou agir ou até mesmo pensar desta maneira? Diante disso é necessária a compreensão acerca da relação entre subjetividade individual e social.

A subjetividade social irá contribuir para a possibilidade de uma construção do entendimento desta configuração atual. Sendo assim, a subjetividade individual e social estão profundamente interligadas.

O social atua como elemento produtor de sentido, partindo do lugar do sujeito em seu sistema de relações e da história desse próprio sujeito, que também não representa uma estrutura interna passiva, definitiva de seus comportamentos atuais, e sim uma configuração geradora de sentidos que não podem isolar-se dos sentidos produzidos no curso da experiência do sujeito. (González Rey, 2003, p. 224).

Isto faz perceber que ao pensar nesta temática não é viável a delimitação de conceitos pré-estabelecidos, mas ao contrário, é preciso que haja um diálogo diante de tal assunto. Por meio da citação, é possível perceber então que a maneira como a Psicologia percebe a relação do sujeito com o social vem sendo modificada e amadurecida, no sentido de perceber que o sujeito não é produto de seu meio social, mas que com ele, por meio de sua subjetividade, produz sentidos e significados.

2.2. A subjetividade do ser humano consumista

Todos os recursos pagos para evitar os riscos com
Que a nossa sociedade de consumo nos
Acostumou estão ausentes no amor.
Mas, seduzidos pelas promessas dos comerciantes,
Perdemos as habilidades necessárias para
Enfrentar e vencer os riscos por nós mesmos.
Bauman, 2004a (p. 70)

Com esta citação de Bauman é possível entrar em contato de maneira intensa com um dos mais fortes pontos por ele levantado ao falar de relacionamento na pós-modernidade. Seria justamente o entendimento por uma sociedade consumista que adquire um produto e se este não satisfizer o seu objetivo o consumidor buscará o ressarcimento diante do prejuízo. Ainda uma outra característica desta relação de consumo seria que os produtos são amplamente descartáveis, isto quer dizer, se este não satisfaz as necessidades do consumidor é rapidamente substituído por um outro de melhor qualidade.

Esta seria então uma imagem da sociedade atual, mas desde a Modernidade a sociedade era denominada produtora, em contraposição à consumidora. São elencadas algumas características desta sociedade produtora por Bauman, 2004a (p. 72), “aquisição e retenção de hábitos, lealdade aos costumes estabelecidos, tolerância à rotina e a padrões de comportamento repetitivos, boa vontade de adiar a satisfação, rigidez de necessidade”.

Interessante perceber como estas características levantadas por Bauman vão de encontro com sua maneira de pensar em relação ao amor. Pode-se concluir que para Bauman esta sociedade produtora era capaz de vivenciar o amor, já a consumidora não, a esta é acessível a experiência de um relacionamento de superficialidade, sem intimidade.

O fato de Bauman perceber que a sociedade consumista, líquida, resume os relacionamentos entre homens e mulheres como sendo relações de consumo faz refletir quanto a possível opção de cada um deles por um relacionamento consumista ou produtivo.

Por meio disto é favorável perceber que boa parte dos sujeitos não conseguiram avançar na vivência destes relacionamentos que expressam esta era líquida. Isto se dá devido ao fato de que mesmo cada sujeito estando imerso em uma subjetividade social, este não perde, em nenhum momento, sua individualidade. Portanto, o sujeito é capaz de criar por intermédio da subjetividade social que permeia toda a sua relação com o outro, um novo relacionamento.

Talvez, no sujeito, ainda não haja o desejo de encontrar este novo relacionamento. Alguns casais se encaixam naturalmente na configuração pós-moderna, outros não, mas também ainda se percebe que não encontraram um lugar, nem a pós-modernidade e nem a modernidade, lembrando que a pós-modernidade não é um momento estático, mas um período de transição.

Neste ponto, enxerga-se todo um sentimento de contradição. Contradição pelo fato de que é preciso ter uma escolha diante destas maneiras de relacionamentos amorosos, e isto nem sempre é o que acontece. Na verdade esta seria uma outra característica desta pós-modernidade, é possível até que um dos sujeitos que se envolverá em um relacionamento tenha em vista aquilo que dele deseja, satisfação ou entrega.

Mas se isto ocorre, o parceiro terá esta mesma postura? Este é um dos conflitos mais visíveis neste tempo: o que o outro deseja, qual o tipo de relacionamento que um homem quer e qual o tipo de relação que uma mulher quer vivenciar. Estas questões são necessárias para que exista a conquista, por isso cabem neste trabalho. A dúvida que gira em torno do tipo de conquista é um grande dilema.

Qual seria a melhor maneira para isso ser solucionado? Aqui, retomamos a questão dos meios de comunicação em massa que propiciam o relacionamento sem contato íntimo: Internet, mensagens por celular e os meios que mostram quais as formas de relacionamentos

estão ocorrendo: novelas, revista. Para aqueles que assistem ou lêem estas, fica uma dúvida ainda mais instigante.

Esta maneira de relacionamento que está sendo mostrado, recortado, é uma realidade ou uma fantasia, é uma expressão dos desejos humanos ou um exagero?

O amor torna-se o tema central da felicidade moderna e, por isso, é presença obrigatória nas produções da indústria da cultura. (...) Quer estejamos na pré-história, quer na Roma Antiga, em qualquer tempo, não há história ou trama que não se desenrole através da procura e do encontro da paixão amorosa. Lázaro (1996, citado em Babo & Jablonski, 2002).

Sem dúvida é esta uma verdade, mas se o amor está de maneira significativa em voga, é possível dizer que este tem perdido seu valor? Ou seria mais propício dizer que seu valor, sentido, está em transformação? Seria um novo amor ao novo sujeito pós-moderno?

Possivelmente, mas e todas as angústias que estão sendo causadas por esta forma nova de amar não configurariam uma fuga do amor ao invés de uma transformação? O que precisa estar diante dos questionamentos seriam as formas de amar ou o sujeito que ama? Sujeito este que em muitos momentos se encontra perdido entre a necessidade de conquistar, de ser ele mesmo, de não perder sua individualidade, de querer estar com o outro, de não abrir mão de seus planos, de deixar para mais tarde um possível relacionamento que exija mais responsabilidades, de temer por sentir uma necessidade diferente da de seu parceiro?

Estas seriam algumas das possíveis angústias e dilemas vividos pelos homens e mulheres da pós-modernidade. Falta ainda um lugar seguro para experienciar de maneira livre seu ser e suas emoções, de forma que o outro possa somar às suas experiências e existir então, entre aqueles, uma troca verdadeira.

Estes questionamentos são preciosos no momento em que alcança este trabalho, pois cabe neste ponto correlacionar o significado de sujeito que está sendo estudado com toda a

compreensão da visão de amor que este mesmo sujeito vivencia atualmente, com a conseqüente construção de uma família. De que maneira estas modificações ocorridas foram influenciando este sujeito, permitindo a ele que experienciasse diversas mudanças de sentido em sua realidade.

Sendo assim, é preciso perceber as modificações ocorridas no significado de família que são decorrentes de tais transformações. Quais seriam as conseqüências destas relações líquidas para a formação da família? Qual seriam os subsídios que hoje homens e mulheres pós-modernos possuem para a constituição da família, diante das dificuldades assinaladas como a diferenciação, o olhar para si, a abertura ao outro.

Capítulo III

A FAMÍLIA PÓS-MODERNA

O que caracteriza a família e o casamento numa situação Pós-moderna é justamente a inexistência de um modelo Dominante, Seja no que diz respeito às práticas, seja Enquanto um discurso normalizador das práticas. Vaitsman (1994, citado em Féres-Carneiro e Neto, 2005)

3.1. As características da família pós-moderna

Após aprofundamento e questionamentos acerca de algumas problemáticas da pós-modernidade, de forma particular as relações entre homens e mulheres, possivelmente alcança-se o ponto mais desafiador deste trabalho, a questão da família pós-moderna. Inicia-se tal discussão tendo em mente que “o termo família origina-se do latim *famulus*, significando um conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor”, Prado (1989, citado em Milfont, Gouveia, Costa, 2006, p. 25).

Como já havia sido dito não é possível neste momento definir, construir um conceito de família, mas é plausível alcançar suas características e a maneira como tem se configurado nesta era pós-moderna. Sendo assim, muitos autores (Féres-Carneiro & Neto, 2005; Perlin & Diniz, 2005; Bauman, 2004b) falam da família na era líquida, afinal como concebê-la neste momento em que os vínculos se perdem na fluidez do descompromisso e da falta de confiança?

Diante disso, é preciso perceber toda a transformação que a família vem passando ao longo da história. Pode-se marcar alguns fatos que são importantes para este trabalho como o papel do amor no casamento, a sexualidade como maneira de atração e ligação intensas entre o casal.

Preciso é que haja a compreensão deste termo localizado anteriormente ao século XVIII, em que o homem tinha toda a autoridade dentro da família, autoridade no sentido de dominação, de controle econômico, de possuidor dos desejos sexuais. Em contrapartida sua

esposa se encontrava em uma situação de completa sujeição diante do mesmo, em todos os aspectos ela dependia deste. Após o século XVIII, inicia-se a era moderna, e o casamento e a família assumem significados diversos a este.

Na contemporaneidade, há uma série de contradições que abarca a realidade da família, como as exigências de estabilidade emocionais e afetivas que são cobradas do casal parental, assim como as exigências sociais, em nível econômico. Isto, como afirmam Perlin e Diniz (2005), acaba trazendo ao casal uma sobrecarga de papéis que lhes são impostos a cumprir. Isto é, além dos papéis feminino e masculino na família, estes são obrigadas a assumirem um estilo de vida que abarque o conjugal, o pessoal, o familiar, mas de maneira bastante enfática o profissional adquire um peso particular.

Provavelmente, esta realidade vem hoje trazendo aos homens e mulheres que se encontram na família uma carga que talvez não esperavam. Retoma-se aqui a questão do bom desempenho, em que cada um precisa dar o melhor de si no trabalho com bons resultados, dinamismo, competência; em nível de família são cobrados pelos filhos e pelo cônjuge que satisfaçam as mais diversas necessidades destes, assim, precisam ser criativos, sempre alegres, participativos; em nível pessoal precisam estar sempre contentes com aquilo que fazem e são, mostrando a si mesmos que são capazes.

O que se percebe é que hoje os homens e mulheres são destinados a serem super-heróis, com uma gama de características diversas e que estes não podem decepcionar a ninguém. Alguns autores (Costa, 2003; Féres-Carneiro, 2004) levantam a possibilidade do definhamento da família, mas é a instituição família que está se definhando ou serão as pessoas que a compõem e a sociedade que permitem isto?

Diante disto, retomam-se os questionamentos iniciais das dúvidas e dilemas constantes vividos pelos sujeitos pós-modernos. Logo, as pessoas da contemporaneidade ainda se encontram submersas em inúmeras transformações em uma velocidade surpreendentemente

rápida, assim, em muitos momentos encontram dificuldades inúmeras para fazerem escolhas e discernir entre elas.

Neste contexto, em que as constantes novidades e transformações demandam do sujeito uma rápida assimilação, as experiências parecem ser naturalmente transitórias, a fugacidade das sensações separa presente e passado, o sujeito e sua história; não há espaço para a apropriação e significação do vivido, as demandas do mundo passam a ser simplesmente acolhidas, sem espaço para reflexão e produção de sentido. (Sundfeld, 2000, p. 253)

Se há ou não o definhamento ou mesmo o fim da família na pós-modernidade ainda não é possível responder, mas é claro que há um novo modelo de família. Aponta Féres-Carneiro (2004) que a emergência da individualidade oriunda desta cultura de consumismo (Bauman, 2004a) cresceu rapidamente nos centros urbanos. Esse rápido crescimento deu lugar a modificações bruscas em que as próprias pessoas não estavam preparadas para realizarem.

Neste ponto questiona-se toda a dimensão da diferenciação do ego na perspectiva de Bowen, fator fundamental para a inserção em um relacionamento de maneira madura. As pessoas pós-modernas são aptas a buscarem a si primeiramente ou a se fundirem com outros sujeitos? Intrigante perceber como as pessoas têm dificuldades de se abrirem a relacionamentos duradouros, pelo fato de que para este ocorrer é preciso uma relação intensa consigo e com o outro.

Na crise contemporânea, parece ocorrer uma mudança nos padrões do relacionamento entre indivíduos, com um aumento da mobilidade social, tornando possível que relações insatisfatórias possam ser resolvidas com o rompimento conjugal. (Féres-Carneiro & Neto, 2005, p. 134)

Diante deste contexto pós-moderno é preciso ter em mente que essas modificações nas relações ao mesmo tempo que produzem satisfação, por serem descartáveis, produzem ainda

todo o dilema do que escolher e de qual caminho seguir, afinal este modelo de relação ainda não se fixou, mas encontra-se em transição.

A realidade das pessoas na pós-modernidade seria então de fuga do vínculo, e por isso a falta de compromisso é com o outro ou com uma relação? Possivelmente, a dificuldade de manter ou constituir o vínculo abarca os dois pontos, de um lado, a falta de compromisso com o outro pelo fato de tal dificuldade em manterem-se diferenciados e, por outro, pelo impedimento de entregar-se em uma relação. Importante perceber, ao mesmo tempo, como estes dois pontos estão diretamente relacionados, pois a dificuldade da diferenciação influencia na construção de uma relação duradoura não harmônica, por representar uma dependência por vezes não sadia do parceiro ou impulsiona o sujeito a relacionar-se unicamente de forma descompromissada.

Isto se expressa de maneira clara por meio de Féres-Carneiro e Magalhães (2003, p.3), “cabe à família conjugal preencher um vazio e responder às necessidades afetivas e sociais dos indivíduos”. Isto quer dizer que cai sobre a família a responsabilidade de satisfazer tais necessidades do sujeito que não puderam ser feitas ao longo de sua história.

Lugares em que o sentimento de pertencimento era tradicionalmente investido (família) são indisponíveis ou indignos de confiança, de modo que é improvável que façam calar a sede por convívio ou aplaquem o medo da solidão e do abandono. (Bauman, 2004a, p.37)

Diante disso é preciso entender de que forma as pessoas têm se encontrado carentes e sedentas por um relacionamento. Bauman (2004a) sinaliza com isso que estas carências seriam o sentido e o motivo das relações líquidas, buscando apenas a satisfação dos desejos, sem o vínculo ou a intimidade, e que não é preciso que haja uma relação com responsabilidade e entrega verdadeira. Assim é possível estar com um grande número de pessoas sem construir com elas tal vínculo, quantidade sem qualidade.

Percebe-se por meio de tal realidade que a família tem deixado de ser aquele lugar acolhedor e caloroso, de amor e afeto, compreensão e apoio, para se tornar, cada vez mais, um grupo de pessoas, de poucas pessoas que possuem uma ligação frágil. Quanto mais distantes encontra-se o núcleo familiar, possivelmente mais distantes os outros relacionamentos das pessoas que compõem tal família.

Diante desta afirmativa é curioso perceber como as redes de parentescos não proporcionam mais a segurança de outrora. Bauman (2004a) afirma que é por este motivo que as pessoas buscam hoje as relações rápidas. No entanto, é necessário salientar que isto precisa ser visto de forma ainda mais criteriosa, ou talvez de forma mais aprofundada, como se a insegurança transmitida por estas redes familiares fossem apenas a parte mais visível de uma outra série de aspectos relevantes para a configuração de tal realidade.

Estes outros aspectos poderiam ser apontados como a ausência do 'Antigo' nas experiências das pessoas, o entrar em contato consigo mesmas, mas não ficar presa nesta dimensão individual. Ao contrário, perceber que no momento em que se entra em contato mais profundamente consigo há de maneira natural a abertura à relação com o outro. Talvez este aspecto seja o que cause mais pavor, sair de si para ir ao encontro do outro.

3.1.1. A conjugalidade

Ao contrário do amor conjugal que aumentava com o tempo,
O amor-paixão tende a acabar com o tempo.
Esse é o grande desafio que os casais modernos enfrentam
Nos dias de hoje e que os leva a redefinir
Expectativas e idealizações sobre o casamento.
(Araújo, 2002)

Araújo (2002) contribui dando ênfase a toda a transformação e o papel que o amor foi tomando na relação do casal. Isto quer dizer que dentre as mais significativas transformações que o casamento passou, pode-se enumerar algumas como: o casamento passou a ser estabelecido por amor e a sexualidade assumiu um significado diferente a partir de então. Até

o século XVIII o amor romântico não se encontrava no casamento, o amor-paixão ligado à sexualidade, ao desejo eram reservados para as relações de adultério; enquanto para o casamento eram vistas como obrigações matrimoniais com o intuito de procriar.

Com o surgimento do amor romântico foi possível tanto a escolha da esposa e do marido quanto a vivência no casamento de duas importantes dimensões, a sexualidade e a aliança. Como aponta Féres-Carneiro (1998), é interessante perceber que o casal passa a experimentar uma relação de reciprocidade, troca e torna-se alcançável a partir deste momento reunir no casamento o companheirismo e os desejos sexuais. A partir de então deixa de ser necessário a busca por um amor ardente extra-conjugal, pois este foi depositado no casamento.

Este foi um ponto de desequilíbrio para o casamento, ao mesmo tempo que foi um fator muito importante, trouxe-lhe uma carga de responsabilidade que talvez não estivesse pronto para carregar. Logo, Áriès (1987) afirma que a partir do século XVIII o amor romântico tornou-se agora o ideal de casamento, assim como a entrada do erotismo no mesmo. Com isso, a duração do casamento é colocado em xeque, afinal o amor-paixão não dura e por conseqüência o amor conjugal ligado diretamente a ele não dura.

“Casais semi-separados”, “revolucionários do relacionamento”, que “romperam a sufocante bolha do casal” e “seguem seus próprios caminhos”. Sua dança a dois é em tempo parcial. Odeiam a idéia de compartilhar o lar e as atividades domésticas, preferindo manter domicílios, contas bancárias e círculos de amizade separados, e estarem juntos quando estão a fim. (...) o casamento ao estilo antigo, “até que a morte nos separe”, já desestabilizado pela coabitação “vamos ver como funciona”, reconhecidamente temporária, é substituído pelo “ficar juntos”, de horário parcial ou flexível. (Bauman, 2004b, pp. 53-54)

Assim, é colocado ao casamento a possibilidade do ardor da paixão e também o peso de superar as expectativas do outro, agora a mulher desejava, sonhava com o homem que queria como esposo, ou melhor, mais que sonhar, podia escolher que homem seria este. Ao contrário também, isto proporcionou então ao casal o peso de retribuir tais expectativas.

A questão do fim do amor-paixão torna-se então um desafio ou não, porque veio ao encontro desta realidade o divórcio, como a solução para a finitude do amor-paixão. Como se o casal precisasse esgotar as possibilidades com aquele companheiro que está convivendo e enfim quando este amor-paixão acabar desvincula-se da relação e busca-se outra. Mas é possível utilizar a palavra desvincular? Esta é uma questão à qual não se pode fugir, nos novos relacionamentos de casamento contemporâneos, a questão do vínculo de forma efetiva, não tem espaço.

Pode-se dizer a cerca do vínculo e do vínculo de forma efetiva, que é uma forma de relacionamento, em que um homem e uma mulher, ligam-se por meio de responsabilidades, carinho, afeto, amor, e também na dimensão econômica. Isto configura o vínculo neste trabalho, porém percebe-se que os casais pós-modernos encontram nas relações líquidas a saída para uma relação de vínculo.

Intrigante perceber tal realidade, ou enxergá-la de forma mais concreta, constatar que os relacionamentos estão se modificando, se transformando e deixando cada vez mais uma pessoa longe da outra. Será por isso que se fala em destruição da família? Inquietante refletir sobre a maneira que ocorrerá a educação de filhos, por exemplo, em uma realidade em que os pais se ausentam até mesmo de suas responsabilidades conjugais, mesmo estas estando diretamente ligadas ao próprio interesse de cada um. Faz-se necessário pensar acerca de como ficará o tempo de educação, amor e atenção aos filhos, sem contar é claro, a falta de qualidade que é possível ser vista nas relações conjugais. Família, como se constituir neste tempo, de que forma?

Possivelmente estas questões podem ser respondidas a partir do entendimento do que seja o vínculo, além de que neste trabalho cabe que haja a discussão da posição dos filhos na família. Não é possível falar unicamente do casal e deixar à margem os dilemas vivenciados por seus filhos diante desta atual configuração familiar. Além de que na atual configuração familiar pós-moderna, a mulher deseja seu espaço no mercado de trabalho e busca-o com todo afínco e deixa à margem sua posição submissa; o homem luta, muitas vezes, por uma posição melhor, mais rentável que a de sua companheira no mercado de trabalho, e isto ocasiona para os dois uma ausência significativa do lar e por conseqüência o sentimento de ausência pela criança em relação a seus pais.

3.1.2. Diferenças significativas entre homens e mulheres desde a modernidade

Falar em diferença de papéis na pós-modernidade não é uma tarefa fácil, por isso neste momento será trabalhado como ocorreu e se configura atualmente a feminilidade e a masculinidade. Tais diferenças são percebidas desde a infância, como assinala Biaggio (1976, citado em Féres-Carneiro, 2004), quando dos meninos são esperados comportamentos de força, coragem, independência, agressividade e das meninas são esperadas atitudes de ternura, carinho, afeto, sensibilidade.

Diante deste aspecto percebe-se como todo o social vai contribuindo para a formação da criança, desde aí vão sendo formadas para agirem de determinada forma, pois assim a mãe ou o pai se orgulharão dela. Com o tempo, estas crianças tornam-se adultos e deles são cobradas atitudes bastante distintas às que aprenderam outrora. Importante frizar que além de agradar aos pais estas crianças os têm como modelos, seguem o padrão daquilo que é semelhante.

Reportando esta temática para a questão da conjugalidade, do casamento entende-se que hoje, na pós-modernidade, houve também mudanças significativas destes papéis. Tais

transformações foram se evidenciando com a modernidade, sendo assim, Féres-Carneiro (2004) afirma que nesta época o casamento era considerado indissolúvel, monogâmico e ligado à reprodução e que o masculino tinha o caráter de virilidade e trabalho, já a feminina estava pautada na preservação da sexualidade e no exercício da maternidade.

Além destas mudanças, transformações sociais vivenciadas por homens e mulheres, uma outra modificação não menos importante ocorre e influencia diretamente esta temática, seria a sexualidade, mais especificamente as relações sexuais. Na modernidade, as relações sexuais para as mulheres eram exclusivas do espaço do casamento e não eram relacionadas ao prazer ou até mesmo elas não podiam sentir prazer. Já os homens vivenciavam a relação sexual no casamento que era reservada para a procriação, com respeito e cuidado às suas esposas, porém viviam suas relações de paixões com as amantes.

Possivelmente hoje, para que haja uma cisão com esta realidade moderna, homens e mulheres buscam a relação sexual como forma de vivenciarem a liberdade da escolha, sem todos os tabus de outrora. Talvez por este motivo o tema do amor precise estar ligado às relações sexuais de alguma forma, mesmo que seja de forma destoante como afirmou Bauman (2004a) inicialmente neste trabalho.

A possibilidade que os casais de hoje têm em dizer que um encontro em uma noite apenas seja denominado ‘fazer amor’, seria como que um compensador para que não haja a intimidade e o contato necessário para a construção do amor. Seria como que confortável esta posição, mesmo sem vínculo ou intimidade há o ‘amor’, mesmo que este seja vivenciado de forma rápida e passageira.

3.2. As relações líquidas e a construção da família na pós-modernidade

A saída de um filho da casa dos genitores implica, tanto para os filhos como para os pais, a “capacidade para estar só”. Casar e formar uma família exige que os

cônjuges tenham desenvolvido essa capacidade, que é um estado do desenvolvimento emocional que está vinculado ao amadurecimento e ao processo do desenvolvimento para a autonomia. (Cicco, Paiva & Gomes, 2005, p.56)

Esta citação condensa toda a temática que será discutida neste trabalho a cerca da família e sua constituição na pós-modernidade, a necessidade primeira de uma sadia relação com a família de origem que possibilite a autonomia ao sujeito, por consequência o amadurecimento emocional que este vivencia com isso e por fim a saída desta pessoa da casa da família de origem para a constituir sua própria família.

3.2.1. Repetições inconscientes

Em cada casal não existem apenas
Um homem e uma mulher unidos,
Mas dois sistemas familiares.
Boszormenyi-Nagy e Spark
(1973, citado em Andolfi)

Por meio desta citação, entende-se que um casal ao constituir-se leva para sua nova família traços de sua família de origem. No sentido de que levam consigo toda a sua história familiar, tendo sido esta positiva ou negativa; neste aspecto discute-se as consequências para esta nova família que será constituída. Isto quer dizer que, como afirma Andolfi (1998), há uma mudança de visão que leva em conta não apenas a história pessoal do sujeito, mas uma dimensão histórico-evolutiva do sistema familiar deste sujeito, suas relações e inter-relações com seu grupo familiar; esta nova visão denomina-se abordagem trigeracional.

Andolfi (1998) faz a distinção entre a família não-conflituosa e a família conflituosa, estes dois conceitos são necessários para que haja a compreensão daquilo que será posteriormente abordado. Entende-se por relação trigeracional não-conflituosa aquela em que a família de origem vivencia relações não-conflituosas e permite que seus membros façam escolhas 'livres' de seus parceiros, permitindo que estes não busquem figuras de substituição

em sua nova família. Por figuras de substituição compreende-se pessoas que buscam em seus parceiros os vazios relacionais que seus pais ou os que exerceram tal função deixaram.

Sendo assim, Andolfi (1998) aponta as características da relação trigeracional conflituosa como sendo uma ruptura ou a perda da ligação com a família de origem, com isso fica nesta pessoa o sentimento de abandono e isto faz com que esta busque em seu parceiro o pai ou a mãe que lhe faltou. Isto se dá como consequência de uma relação conflituosa na família de origem.

Este aspecto contribui de sobremaneira para este trabalho, pelo fato de que proporciona uma ampliação significativa da visão de família. Porém, este não será tomado de forma determinista, mas ao contrário, possibilitando que seja observado a forma de configuração familiar na sociedade atual. Diante disso é possível fazer uma correlação com a teoria abordada anteriormente a de diferenciação do ego – Bowen. Em que este analisa a questão da ausência de diferenciação emocional do sujeito, é natural reportar-se a isto ao observar a possibilidade da busca por figuras de substituição. Afinal, somente há esta busca se tais relações com a família de origem forem relações não-resolvidas.

Sendo assim, seria preciso questionar se as relações líquidas desta era pós-moderna não são frutos da ausência da diferenciação do ego e dos relacionamentos não-resolvidos com a família de origem. Pois é possível perceber que ao mesmo tempo em que os parceiros se aventuram em uma relação fluída se encontram muito carentes afetivamente. Isto pode ser pelo fato de que a carência afetiva aumente ainda mais o temor pelo compromisso e que a insegurança de dar-se verdadeiramente em uma relação tragam ainda mais dúvidas.

A relação conflituosa de um parceiro com sua própria família de origem o leva a escolher um companheiro que, a partir do fato de pertencer real ou supostamente a uma família de origem ‘muito unida’, presta-se a representar uma relação familiar ‘ideal’. (Andolfi, 1998, p. 132)

Enxerga-se por meio deste claramente a relação com o processo de diferenciação que assinala Bowen (Papero, 1998), em que um parceiro que vivenciou uma relação conflituosa em sua família de origem trará seu companheiro para mais próximo desta com o intuito de que viva em fim sua autonomia e por consequência a autonomia do novo casal. Se esta não ocorrer o casal acaba por ficar sob a tutela da família de origem.

Este demonstra de forma intensa a importância e a necessidade para a constituição de uma nova família em que haja esta diferenciação, esta autonomia do sujeito para que possa enfim experienciar isto com o outro. Além destes pontos levantados é preciso observar também o que pode proporcionar aos filhos deste casal, pois em alguns momentos é possível que quando o casal viva esta relação sem autonomia entre então um dos filhos e exerça a função parental. Sem dúvida há a possibilidade de que esta se torne uma família desarmônica.

Cicco, Paiva e Gomes (2005) enfatizam o pensamento de Winnicott, que assinala a importância da maturidade do casal parental e que se este não existir comprometerá o crescimento e o desenvolvimento saudável dos filhos, gerando-lhes sintomas. Afirma que, “em relação ao casamento, este deve ser, ao mesmo tempo, uma ruptura em relação aos pais e à família de origem e um prolongamento da idéia orientadora da estrutura familiar”. (p. 54)

O pensamento de Winnicott contribui e possibilita o entendimento ainda mais claro de que enquanto um novo casal não viver de maneira concreta o desligamento, no sentido de autonomia de sua família de origem este não poderá constituir-se como tal. Isto pelo fato de que por suas ligações com a família de origem serem muito fortes propiciam que se unam não por desejo de construir uma nova família, mas por encontrar neste parceiro a solução para problemas que são concretos e vivos em cada um.

Isto pode ainda propiciar à família, como assinala Cicco, Paiva e Gomes (2005), que se constitui que com o nascimento dos filhos deste casal haja dificuldades ainda maiores para

a harmonia do mesmo, como o empecilho de saírem da condição de filhos ou adolescentes, bloqueando o amadurecimento de toda a família.

Intrigante, ao fazer a correlação entre o pensamento destes três autores que contribuem significativamente ao falar sobre família, Bowen (Papero, 1998), Andolfi (1998) e Winnicott (1960/1997, citado em Cicco, Paiva & Gomes, 2005), pois fornecem subsídios para compreender a nova família pós-moderna e de forma particular, pois demonstram a dificuldade de se constituir família sem que anteriormente o sujeito vivencie o amadurecimento emocional, a autonomia em relação à sua família de origem e que o sujeito perceba que não seria possível a ele utilizar de uma pessoa para resolução de seus problemas com sua família de origem.

Diante disto, é interessante que se perceba que estes pontos citados acima pelos autores levantam questionamentos acerca do que foi apresentado em relação às relações fluidas, pelo fato de que podem contradizer aquilo que o sujeito pós-moderno tem buscado em suas relações líquidas. Isto quer dizer, que as pessoas na pós-modernidade são mais focadas nas satisfações momentâneas do que em sua própria diferenciação ou amadurecimento emocional.

CONCLUSÃO

Por meio deste trabalho foi possível tecer uma série de questionamentos, contradições e novas alternativas para a configuração atual pós-moderna. Por meio dele obteve-se acesso a uma gama de autores que falam sobre a temática e que também a percebem como desafiadora, contraditória, e talvez o sentimento mais intenso que permaneça com o fim deste trabalho seria, quais serão as conseqüências para as gerações futuras desta nova configuração?

Ao falar sobre a construção do conceito de amor e encontro foi possível atingir as transformações existentes entre o amor romântico da era moderna, cheio de fantasias e imaginações e alcançar o amor confluyente citado por Guiddens (1993).

O “amor confluyente” é mais real que o amor romântico, porque não se pauta pelas identificações projetivas e fantasias de completude. Presume igualdade na relação nas trocas afetivas e no envolvimento emocional. O amor confluyente introduz a ars erótica no cerne do relacionamento conjugal e transforma a realização do prazer sexual recíproco em um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento. Desenvolve-se como um ideal em uma sociedade onde quase todos têm a oportunidade de se tornarem sexualmente realizados. Ao contrário do amor romântico, o amor confluyente não é necessariamente monogâmico nem heterossexual. Araújo (2002)

Faz-se fundamental para a conclusão deste trabalho retomar tal diferença, não se pode deixar de enfatizar que o amor confluyente não seja a base dos relacionamentos atuais, mas perceber que as transformações ocorrem cada vez mais de forma rápida e profunda.

Por intermédio de uma pesquisa realizada em Minas Gerais em 2002, a autora Messeder afirma que os valores em relação à sexualidade no Brasil estão se modificando, cada vez mais surgem novas formas de relacionamentos que representam as relações líquidas, descompromissadas assinaladas por Bauman.

Todos estes princípios são erigidos e construídos, segundo a autora, pela matriz individualista. Para ela, o “ficante” é um indivíduo que está inserido numa cultura sexual erotizada, caracterizada pelo esvaziamento da ética, pela influência da mídia, pela banalização do sensível, pela espetacularização da vida cotidiana, pela estereotipia e pela estetização generalizada. Messeder (2002, p.8)

Interessante ressaltar mais uma vez o que ficou de significativo durante todo o trabalho que em muitos momentos busca-se as relações líquidas pela fuga do compromisso e da intimidade que seriam concernentes a ele. Acentua-se ainda a respeito das trocas de parceiros.

Chave indica o “ficar com” como um átomo de uma forma de relacionamento entre os jovens, no qual o que importa é a satisfação do próprio desejo e não a singularidade do outro, e conseqüentemente a comutatividade do objeto é vista como negação da alteridade. Chave (citado em Messeder, 2002, p. 8)

O ficar seria uma das formas destas relações líquidas, em que o desejo de satisfação próprio é mais significativo do que a troca que pode existir em uma relação, o conhecimento do outro, com suas características diversas e a entrega em uma relação que não se sabe como ocorrerá. Assim, traz insegurança e temor, como enfatizado anteriormente.

Partindo das relações líquidas e das transformações de relacionamentos que ocorreram especificamente desde a modernidade percebe-se atualmente que por conta de tais transformações a família tem também vivenciado de forma profunda cada uma destas mudanças. Seja como casal ou mesmo na relação entre pais e filhos, estas mudanças atingem a família como um todo.

Um ponto muito importante levantado neste trabalho foi o uso do mito de Eros que pode dar uma visão interessante e atual em relação à experiência com o amor vivido na pós-modernidade, ao abordar de forma particular a presença de Antero na vida de Eros, este lhe

proporcionou o amadurecimento e a percepção mais abrangente do outro. Antero permite a Eros a saída de si mesmo, questiona-o em sua maturidade e centralidade em si mesmo.

Por meio deste mito pode-se reportar para a questão da diferenciação do ego, levantada aqui por Bowen, em que ele aborda a necessidade e importância de que cada sujeito vivencie seu processo para que assim possa experimentar uma maturidade emocional. Isto se dá primeiramente na relação com a família de origem, em que, segundo a diferenciação que também estes viveram, proporcionará aos outros que vivenciem também, para que não haja enfim uma relação de dependência.

Bowen destaca a importância em relação ao sujeito em formação na família que este possa experimentar relações não-conflituosas na mesma. Isto no sentido de que é preciso a família buscar oferecer aos seus membros o máximo de situações de amadurecimento, não no sentido de que não poderão enfrentar ou lidar com situações de frustração, mas é preciso que vivenciem o amadurecimento.

Somando ao que Bowen diz é importante reportar às afirmativas de Andolfi ao falar sobre a abordagem trigeracional. Esta contribuiu profundamente neste estudo no sentido de explicar acerca das repetições inconscientes, de forma particular no que tange ao fato de que os sujeitos vivenciam as relações descompromissadas e cada vez mais tarde e cada vez com menos intensidade experimentam ser família.

Neste ponto é interessante perceber e até mesmo retomar a ponte entre o que afirmam Bowen e Andolfi no sentido de que por meio da diferenciação do ego vivida pelo sujeito que lhe propiciará um amadurecimento emocional é possível experimentar a autonomia na relação com a família de origem e com o futuro parceiro.

Desta maneira critica-se a ideia da desconstrução ou morte da família, pois por intermédio do entendimento daquilo que é construído por meio de Bowen e Andolfi entende-se que não é mais possível que haja a família nos moldes modernos, ou seja, uma família

constituída por relacionamento ‘sólido’ e mesmo a pós-modernidade compreendendo uma fase transitória é possível que a família se constitua de forma saudável, sadia levando-se em conta toda a subjetividade que permeia o entendimento desta questão.

Não se pode deixar de lado, ao falar sobre a família, a posição que ocupam os filhos nesta realidade pós-moderna; diante das relações fluidas, como se encontram suas necessidades de carinho, amor, atenção, afeto, cuidado? Por isso, percebe-se a necessidade de um maior aprofundamento nesta temática, a posição dos filhos frente às relações fluidas. Além é claro da ausência constante dos pais do lar para que possam atender suas satisfações profissionais.

Finalmente, é singular a contribuição para este trabalho da Teoria da Subjetividade que permitiu perceber que não é possível constituir uma família sólida nesta era líquida, mas que é plausível que haja a construção de uma nova família que responda a nova configuração atual pós-moderna. Com a ausência de determinismos e formas estanques, mas com o intuito de que possam buscar, homem e mulher, compreender que mesmo diante deste novo desenho social é alcançável vivenciar o amor, o encontro, a família sem que cada um deixe de ser você mesmo, mas na conjugalidade saber viver a individualidade de forma saudável e construtiva para si e para o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberoni, Francesco (1988). *Enamoramento e Amor*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco.
- Almeida, T. & Mayor, A. S. (2006). O Amar, o Amor: uma perspectiva contemporâneo-ocidental da dinâmica amorosa para os relacionamentos. In R. R. Starling & K. A. Carvalho. *Ciência do Comportamento Humano: conhecer e avançar*, ESETec, 99-105.
- Andolfi, M. Família/ indivíduo: um modelo trigeracional. In: ELKAÏM, Mony. *Panorama das Terapias Familiares*. 2ed. São Paulo: Summus, 1998.
- Araújo, M. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 22, 2, jun., 70-77.
- Babo, T. Jablonski, B. (2002). Folheando o amor contemporâneo. *ALCEU*, 2, 4, jan - jun, 36-53.
- Bauman, Z. (2004a). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2004b). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.
- BENTO XVI (2006). *Carta encíclica: DEUS CARITAS EST, sobre o amor cristão*. São Paulo: Ed. Paulinas.
- Braz, A. L. N. (2005). Origem e significado do amor na mitologia greco-romana. *Estud. Psicol.*, 22, 1, mar, 63-75.
- Cicco, M. F., Paiva, M. L. S. C., Gomes, I.C. (2005) Família e Conjugalidade: O Sintoma dos Filhos Frente à Imaturidade do Casal Parental. *Psic. Clin.*, 17, 2, 53-63.
- Costa, S. (2005). Amores Fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. *NOVOS ESTUDOS, CEBRAP*. 73, nov, 111-124.
- Costa. I.I. (2003). A desconstrução da família. Disponível em: www.secom.unb.br/artigos/at0303-02.htm. Acesso em: 08 de out. 2007.

- Delbin, J. (2005). O Monge e o Executivo – Uma História sobre a Essência da Liderança. *RACRE – Rev. Adm. CREUPI*, 5, 9, jan - dez, 66-75.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicol.: Refle. Crit.* 11, 2.
- Gomes, A. J. S., Resende, V. R. (2004). O Pai Presente: O Desvelar da Paternidade em Uma Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 20, 2, Mai - Ago, 119-125.
- González Rey, F. (2003). *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Ed. Thompson.
- González Rey, F. (2007). *Psicoterapia, Subjetividade e Pós-Modernidade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Ed. Thompson.
- Grant, V. W. (1982). *Quando surge o amor? Um estudo psicológico da emoção romântica*. São Paulo: Ed. Livraria Pioneira Editora.
- Guiddens, Antony. (1993). O amor romântico e outras ligações. In: GUIDDENS, Antony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- Magalhães, A. S., Féres-Carneiro, T. (2003). Conjugalidade e Subjetividades Contemporâneas: O parceiro como instrumento de legitimação do “Eu”. In: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro. *Estados Gerais da Psicanálise*.
- Milfont, T. L., Gouveia, V. V., Costa, J. B. (2006). Determinantes Psicológicos na intenção de constituir família. *Psicol. Reflex. Crit.*, 19, 1, 25-33.
- Negreiros, T.C.G.M.; Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estud. pesqui. psicol.* 4, 1, jun, 34-47.
- Neto, O. D., Féres-Carneiro, T. (2005) Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. *Estudos de Psicologia*. 22, 2, abril - junho, 133-141.

- Papero, Daniel V. A Teoria sobre os sistemas familiares de Bowen. In: ELKAÏM, Mony. *Panorama das Terapias Familiares*. 2ed. São Paulo: Summus, 1998.
- Perlin, G., Diniz, G. (2005) Casais que trabalham e são felizes: Mito ou realidade? *Psic. Clin.* 17, 2, 15-29.
- Silva, Ailton Amélio. Mayor, Andréa Soutto. Almeida, Thiago. Rodrigues, Adriana Guimarães. Oliveira, Luiz Maurício. Martinez, Mônica. (2005). Determinação das histórias de amor mais adequadas para descrever relacionamentos amorosos e identificação das histórias de amor que produzem mais identificação, menos identificação e que as pessoas mais gostariam de viver. *Interação em Psicologia*. 9, 2, jul - dez, 295-309.
- Sundfeld, Ana Cristina. (2000). Abordagem Integrativa: uma reterritorialização do saber clínico? *Psicologia Teoria e Pesquisa*. 16, 3, Set - Dez, 251-257.